

**Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em CIÊNCIA DA RELIGIÃO
Especialização**

As Fases da Educação Religiosa nas instituições da Igreja Batista no Brasil.

Roni Valério da Silva Pacheco

Juiz de Fora

2017

**Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em CIÊNCIA DA RELIGIÃO
Especialização**

As Fases da Educação Religiosa nas instituições da Igreja Batista no Brasil.

Roni Valério da Silva Pacheco

Professora Orientadora: Dr^a. Elisa Rodrigues

Pré-Projeto de Pesquisa elaborado para cumprir as exigências do Curso de Especialização em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora de Metodologia: Dra. Sônia Regina Corrêa Lages.

Juiz de Fora

2017

1- DELIMITAÇÃO DO TEMA.

A educação religiosa é sempre um tema a ser tratado com muito cuidado em todos os seus aspectos e ambientes, devido a sua importância e seriedade. Não estando indiferente a isso, a igreja batista traz consigo um histórico vasto de desdobramentos e envolvimento direto com a educação, não só religiosa, mas também secular. Desde seu início, os batistas nortearam a educação como ponto primordial para sua doutrina. Porém, inicialmente, as mulheres não eram contempladas com o mesmo espaço que era destinado aos homens daquela denominação.

Para se compreender melhor tal afirmação, necessário se faz conhecer o início da denominação e sua chegada ao Brasil.

A denominação Batista existe com esse nome desde 1612, quando o inglês Thomas Helwys volta da Holanda, onde se refugiara da perseguição do Rei da Inglaterra, James I. Thomas, juntamente com os que voltaram com ele, iniciou uma igreja em Spitalfields, arredores de Londres. Helwys, que era advogado e estudioso da Bíblia, ao escrever um livro intitulado " Uma Breve Declaração Sobre o Mistério da Iniquidade", foi preso e morreu na prisão, em 1615 (PEREIRA, 1990).

No Brasil, o trabalho dos batistas começou a se organizar a partir da região Sudeste, com a chegada de missionários imigrantes norte-americanos, em santa Bárbara do Oeste-SP, que em 10 de setembro de 1871 organizaram a Primeira Igreja Batista em terras brasileiras. Porém com os cultos realizados em inglês, por causa dos imigrantes norte-americanos (PEREIRA, 1990).

Com a chegada do missionário Willian Buck Bagby e sua esposa Anne Luther Bagby, que aprenderam português no Colégio Presbiteriano de Campinas, ocorreu o primeiro culto em português, em 1881. O ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, convertido ao protestantismo ao estudar sozinho a bíblia, foi um dos instrutores do casal. Antônio foi o primeiro brasileiro a ser consagrado pastor batista (HARRISON, 1987).

Segundo Harrison (1987), em 1882 foi organizada a primeira Igreja Batista voltada para evangelização, Salvador/BA. Somente 25 anos depois, em 1907, começou a concretizar-se a ideia de uma Convenção Nacional dos Batistas. Zacharias Taylor e Salomão Ginsburg deram os primeiros passos para o projeto. Eles conseguiram a adesão de outros missionários e de líderes brasileiros.

Sisimore (1990), afirma que: "A educação religiosa é o córrego por onde flui o cristianismo vital. Na verdade, é a nascente de tudo que é importante e significativo na religião cristã". Pensando dessa forma, a instituição se engaja no projeto da educação. A primeira fase da Educação Religiosa da Igreja Batista no Brasil tem início logo após a instituição da Convenção. A principal motivação da criação da Convenção foi a proposta educacional e missões, falando-se na evangelização de Portugal, do Chile e da África.

Foram criadas além das duas Juntas Missionárias, Nacionais e Estrangeiras (hoje Missões Mundiais), outras juntas: para a Casa Publicadora Batista, para Escola Bíblica Dominical, para União de Mocidade Batista, para Educação e Seminário, e para a Administração do Seminário. As áreas de Missões, Educação Religiosa e

Publicações, Educação Teológica e Educação, foram as que receberam maior atenção dos convencionais. A Convenção Batista Brasileira comemora em 2017, 110 anos (TOGNINI, 1993).

Os batistas sempre foram fortes proponentes da educação, tanto nas igrejas como nos contextos acadêmicos (SISEMORE, 1990). Marca visível dos batistas, a educação é um dos pontos principais de todas suas organizações. Com profunda dedicação ao estudo da Bíblia, desenvolveu o interesse pela educação religiosa, cultivada nas igrejas através das organizações de treinamento e da Escola Bíblica Dominical (EBD), tornando seus templos como verdadeiros complexos educacionais (SILVA, 2004).

Com o desenvolvimento dos programas das igrejas, passaram a se chamar de educação religiosa, tão-somente para proporcionar uma designação que faria distinção entre os dois ambientes educacionais. Na verdade, ambos os termos, cristã ou religiosa, podem ser utilizados para descrever a educação no recinto da igreja ou no campus. (SISEMORE, 1990). A Educação Teológica veio com a Educação Religiosa. As primeiras aulas eram ministradas pelos missionários, nas próprias residências. Somente mais tarde surgiram: o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, organizado em Recife, PE (o primeiro), por Salomão Ginsburg, em 1º de abril de 1902, e o Seminário Teológico Batista do Sul, fundado pelo missionário John Watson Shepard, na cidade do Rio de Janeiro, 1908 (SILVA, 2004).

Depois foram agregadas dezenas de outros, espalhados por todo o país, com milhares de alunos. Vindo a Educação geral, ou secular, com o desejo de criar uma escola com capacidade para exercer influência sobre a sociedade brasileira, o primeiro a seguir em frente foi o Colégio Taylor Egídio, fundado em Salvador. Em 1922 ele foi transferido para a cidade de Jaguaquara, onde existe até os dias atuais. Por influência dele, vieram o Colégio Batista Brasileiro de São Paulo; Colégio Americano Batista do Recife; Instituto Batista Industrial em Corrente, Piauí; Colégio Americano, em Vitória; Colégio Batista Shepard no Rio de Janeiro; Colégio Batista Alagoano em Alagoas; Colégio Batista Fluminense em Campos, RJ; Colégio Batista Mineiro, em Belo Horizonte. Além destes Colégios, dezenas de outros foram organizados com a ajuda dos missionários ou por iniciativa de igrejas, das Convenções estaduais e de particulares batistas. A contribuição dos batistas na área educacional é realmente notável, considerando tanto a qualidade quanto a quantidade (TOGNINI, 1993). Hoje, perto de dois milhões de brasileiros, já passaram pelas escolas batistas (Site oficial: Convenção Batista Brasileira).

Homens e mulheres poderiam matricular-se nos colégios, porém, os seminários inicialmente eram oferecidos diretamente apenas para homens. Não havia uma proibição formal para que as mulheres não fizessem teologia, mas, como não havia interesse das igrejas em formarem teólogas, mulheres não eram indicadas, visto que cada aluno deveria apresentar uma carta de indicação da igreja local na qual era lembrado. As igrejas indicavam os pretendidos alunos aos seminários teológicos. O candidato passava por avaliações escritas e entrevistas

para conseguir a vaga. Só após aprovado nas etapas anteriores, era matriculado no curso que durava quatro anos, divididos em períodos semestrais. Assim, as mulheres não eram indicadas ao estudo teológico batista. Conforme afirma o Arnou Oliveira dos Anjos¹, que cita, ainda, um dos textos bíblicos tomado como sustentação para tal entendimento da denominação:

“Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo.” (Efésios 5:23).

Segundo Mesquida (1940), seguindo a tendência secular, especialmente a da educação norte-americana, a igreja visava uma liderança apenas composta por homens, sem o mínimo espaço para mulheres. Como a visão era, principalmente, a formação pastores, e a denominação batista não aceitava pastoras, não havia razão para prepara-las para tal função. Acreditavam que as mulheres, segundo a bíblia, não poderiam estar acima do marido nos estudos religiosos, baseando-se, especialmente, em I Timóteo 2:11 e 12:

“A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio.”

Conforme Machado (1999), nesse período, era permitido e incentivado às mulheres ensinar às crianças, aos adolescentes, aos mais jovens, a outras mulheres e aos recém-chegados na fé. Mas somente nas igrejas, durante a Escola Bíblica Dominical.

Dando início a segunda fase da Educação Religiosa na Igreja Batista (JORNAL BATISTA, 1922), em 10 de março de 1922 inaugurou-se a Escola Teológica Para Obreiras como um Departamento do Colégio Batista Brasileiro com o objetivo de preparar moças para as várias atividades na igreja. Naquele ano, em 23 de março, O Jornal Batista, em sua edição nº 12, publica a seguinte nota:¹

“A Escola Teológica para Obreiras Batistas fundada há dias, já está recebendo matrícula de muitas jovens. Poucos anos nos separam para vermos os resultados dessa novel instituição, pelo vasto campo brasileiro.”

Percebendo que o engajamento das mulheres na Educação Religiosa crescia a cada ano, e que já havia uma forte abertura para liderança feminina no país, além de interesses econômicos, visto que a procura masculina se reduzia

¹ Arnou Oliveira dos Anjos formou-se no Seminário Unidos do Sul (segundo Seminário Batista no Brasil), é Presidente do Conselho dos Pastores de Teresópolis/RJ (COPET), e Presidente da Igreja Batista Serra dos Órgãos.

bastante, aprovou à liderança abrir espaço para que se preparassem para a vocação. Em 1928, formou-se a 1ª turma, cujos nomes aparecem no livro do Curso Religioso do Colégio Batista Brasileiro (FEITOSA, 1974).

A Escola de Obreiras passou a ser administrada pela União Geral de Senhoras em 1944, tendo seu nome alterado no ano seguinte para Instituto de Treinamento Cristão para Moças. Em abril de 1949, foi inaugurado o prédio do Instituto de Treinamento Cristão Para Moças - ITC sob a direção da missionária Dorine Hawkins. Um ano depois, em 45, inaugurava-se a Casa Batista da Amizade, com a finalidade de atender as carências sociais, emocionais e espirituais dos moradores do Morro do Encontro e adjacências. Através dos anos, muitas alunas têm servido como estagiárias na CBA, atendendo as crianças, dando aulas e evangelizando. Atualmente a CBA é administrada pela educadora Márcia Fernandes Kopanyshyn, formada pelo IBER (MACHADO, 1999).

O nome do Instituto de Treinamento Cristão, exclusivo para mulheres, foi mudado para Instituto Batista De Educação Religiosa (IBER), em 7 de dezembro de 1965. Até o ano de 1976, durante a administração da missionária Dorine Hawkins, muitas alunas foram preparadas e vários melhoramentos foram efetuados, inclusive a construção do Auditório "Esther Silva Dias" (MACHADO, 1999).

No início dos anos 80, a terceira fase tem início, unindo homens e mulheres nos Seminários Batistas de Teologia. As mudanças no cenário nacional em relação aos direitos das mulheres, as necessidades econômicas dos seminários e a gigantesca procura das mulheres por vagas, levaram os líderes responsáveis pela decisão, a proporcionarem a abertura (MACHADO,1999). Também foram citados versículos bíblicos para justificar a abertura, conforme o que consta na Ata da convenção do período:

“E, abrindo Pedro a boca, disse: Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas;” (Atos 10:34).

Com a aceitação das mulheres para cursarem teologia nos mesmos espaços e moldes que os homens, trouxeram mudanças dentro dos seminários teológicos batistas. As primeiras podem ter sido físicas, visto que o espaço físico utilizado para o curso iria requerer lugares adequados para receberem homens e mulheres, o que antes não era necessário. Também os currículos tiveram que ser alterados, uma vez que seria o mesmo para todos. Como antes se visava apenas preparar líderes e em sua grande parte pastores, agora uma nova meta era traçada, tendo outros objetivos com a formação de teólogas. Disciplinas antes julgadas como desnecessárias, agora passam a fazer parte do currículo acadêmico dos seminários, como: Administração Educacional, Administração Secretarial e Didática, entre outras. As mulheres sempre haviam apresentado, pelo menos em número, um

melhor desempenho na educação religiosa na denominação. Seu aproveitamento era necessário e certo nessa área. Ainda que muitas delas buscassem o direito pastoral na instituição.

Parece-me que a mulher que vai em busca da teologia ou do pastorado é alguém que já rompeu com muitas estruturas fixas que a cercavam. Esta coragem de quebrar preconceitos, instituições e estruturas, talvez a caracterize como alguém que não consegue mais sobreviver em estruturas fixas e autoritárias como é a realidade da maioria de nossas paróquias (Jarschel, 1986, p. 146).

A não entrada da mulher no seminário sempre foi ligada a questão do seu papel dentro da instituição, que lhe atribuía papel de cuidadora predominantemente. Já para os homens, afirmava posições de liderança e poder. A entrada da mulher nos cursos teológicos, antes exclusivos para homens, tocou diretamente nesse ponto. Nesse sentido, receber mulheres dentro de espaços que privilegiavam a figura masculina pode-se entender como reflexo ou resultado da virada feminista contemporânea.

Contudo, houve um efeito após essa “inclusão” na educação teológica batista e na formação de sua liderança. Qual teria sido esse efeito? A essa questão pretende-se formular uma resposta com base no exame e análise dos currículos dos seminários listados, no período de 1976 a 1996. Currículos esses que sofreram grande variação e inclusão, buscando atender a nova realidade dos seminários batistas brasileiros. Buscando mais adequar às “características femininas” alguns pontos que seriam explorados futuramente pela igreja, igrejas e seminários adaptavam-se a uma nova realidade educacional e de liderança.

Vale ressaltar que essa abertura fora reforçada no meio da década de 90, quando a Convenção Batista apresenta em julho de 1996 o início do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Religiosa. Aberto para homens e mulheres, tinha início uma nova fase da Educação Religiosa na denominação Batista. Seguindo essa tendência, em 5 de agosto de 2002 a escola (IBER) passou a chamar-se Centro Integrado de Educação e Missões (CIEM) com o objetivo de expandir as áreas de preparo para a formação missionária. Então iniciou uma parceria entre a União Feminina Missionária Batista do Brasil (UFMBB), a Junta de Missões Nacionais (JMN) e Junta de Missões Mundiais (JMM) da Convenção Batista Brasileira (CBB), a Baptist General Conference (BGC) e a international Mission Board (IMB) (SILVA,2004). Um ponto importante a ser analisado ainda sobre esse período de mudanças, é o enfraquecimento do patriarcado:

[...] a crise do patriarcado, induzida pela interação entre capitalismo informatizado e movimentos sociais pela identidade feminina e sexual, manifesta-se na crescente variedade de modos nos quais as pessoas escolhem conviver... (CASTELLS, apud PETRINI, 2005, p.43).

Aproximando-se o século XX, apareceram novos eventos, como afirma Gagliano:

[...] a formação de grandes centros urbanos [...], a revolução sexual [...], a mudança de papéis nos lares [...], o reconhecimento do amor como elo mais importante da formação de um LAR: Lugar de afeto e respeito..., tudo isso e muito mais contribuiu para repensar do conceito de família na contemporaneidade. (GAGLIANO, 2012, p. 52).

A Convenção Batista Brasileira (CBB) é o órgão máximo da denominação batista no Brasil. É a maior convenção batista da América Latina. A filiação das igrejas à Convenção continua sendo feita de forma voluntária, tendo hoje mais de 6.000 igrejas cooperantes. Crescem através da evangelização de milhares de pessoas que se convertem. Hoje os batistas estão presentes, em cerca de 200 países e representam uma população de perto de quarenta milhões de membros (adeptos filiados) e atingem cerca de cem milhões de pessoas no mundo inteiro. Atualmente a convenção Batista possui vários colégios, seminários, orfanatos, faculdades, hospitais, centros de recuperação para usuários de drogas, todos mantidos em convênios com as convenções estaduais e/ou igrejas locais (Site oficial -CBB).

Mesmo já alcançando a terceira fase, quando mulheres têm seus direitos reconhecidos por parte da liderança Batista, hoje não chegam a 200 as mulheres consagradas a pastoras batistas no Brasil. Embora date de 10 de julho de 1999 a primeira consagração oficial de uma pastora da Convenção Batista Brasileira, Pra. Silvia da Silva Nogueira, na PIB de Campo Limpo, SP, pastoreada pelo Pr. Antonio Carlos, nas assembleias da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil (OPBB), especialmente a realizada em janeiro de 2007, a Assembleia da OPBB, reunida em Florianópolis, SC, recusou a filiação de pastoras. Já em janeiro de 2008, a OPBB, reunida em São Luiz, MA, proíbe as seções da Ordem de receberem pastoras (Revista ECLESIA,2014).

Com tudo isso, não podemos deixar de perceber que entre as fases iniciais da educação batista no Brasil e os dias de hoje, houve uma significativa mudança de paradigmas que pode ser ilustrada pelo ingresso crescente de mulheres nos seminários e centros de formação batistas.

2- JUSTIFICATIVA.

O presente estudo leva-nos a entender que existe uma denominação Batista presente e atuante com cerca de 3.723.853 seguidores no Brasil (IBGE 2010), sendo o quarto maior grupo religioso do país, considerando o número total de pessoas que se manifestam adeptos de cada grupo. Seus membros fazem parte de

uma sociedade comum, porém com crenças próprias. De acordo com o mesmo censo do IBGE de 2010, houve uma diminuição de adeptos as igrejas evangélicas no Brasil em relação ao censo anterior. Contudo, os batistas e os adventistas foram os únicos dentre os evangélicos que apresentaram um crescimento, sendo os batistas na ordem de 17,74%. Essa denominação tem participado do ensino secular através dos Colégios Batistas, distribuídos por todo território brasileiro. Mas existe uma educação religiosa interna, seja em seminários, seja nos próprios espaços das igrejas, que sofreu modificações ao longo dos anos. Com métodos mais modernos, hoje apresenta grades curriculares, métodos e aceitação de alunos bem diferentes de quando fora criado. Buscamos então entender essas mudanças nos centros de estudos religiosos na Igreja Batista no Brasil, contemplando suas fases e diferenças.

Com um número tão expressivo de pessoas batistas na sociedade, confirmado pelo Instituto Paracleto de Pesquisa e “O Bureau de Pesquisa e Estatística Cristã” (BEPEC), torna-se relevante saber e entender o que estudam e como se preparam para tornarem-se líderes em seu meio, passando por suas fases distintas, uma vez que o estudo parece ser bastante importante para essa denominação, até mesmo pela presença do Colégio Batista, buscando inserir-se no ensino secular.

Por isso, merece uma atenção maior um abrangente estudo sobre o assunto, levando em consideração a grande relevância em compreender seus métodos iniciais e os que agora se utilizam, levando em conta seus objetivos, tanto para seus adeptos, como para os de fora a serem alcançados.

A contribuição dos batistas na área educacional é realmente notável, considerando tanto a qualidade quanto a quantidade. Hoje, perto de dois milhões de brasileiros, já passaram pelas escolas batistas. Também levando em conta os mais de 40 milhões de batistas no mundo, sendo pouco mais de 4 milhões deles no Brasil.

Dessa forma, torna-se bastante relevante a busca pela compreensão dos fatores que justificavam o comportamento educacional nas igrejas batistas no princípio, as causas e os períodos das mudanças, bem como seus efeitos diretos e indiretos, tanto em seus seminários, quanto na própria instituição.

3- OBJETIVOS.

3.1- OBJETIVO GERAL.

Investigar o desenvolvimento do estudo religioso nas igrejas Batistas no Brasil, e suas etapas, a partir de 1907, até os dias atuais, buscando entender a separação entre homens e mulheres nos estudos, no início, e o que influenciou a mudança para chegar ao formato atual e seus efeitos na educação religiosa da instituição, bem como no formato da liderança na denominação.

3.2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS.

O presente trabalho tem como objetivos específicos:

- Demonstrar a trajetória da educação religiosa nas Igrejas Batistas no Brasil;
- Analisar o processo de transformação e mudanças nas grades curriculares;
- Considerar o período em que houve separação entre homens e mulheres para educação;
- Mostrar como ela foi se atualizando e seguindo as tendências seculares.
- Buscar compreender as causas e os efeitos da “inclusão” feminina nos seminários batistas.

4- FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.

No decorrer desta pesquisa, está uma pergunta: O que influenciou a Igreja Batista a mudar seus métodos e aderir a uma escola de formação única para homens e mulheres e qual o efeito disso causou?

5- FORMULAÇÃO DE HIPÓTESE.

Trabalhamos com a possibilidade da Educação Religiosa Batista ter modificado radicalmente seus métodos e grades, unindo homens e mulheres, por influência secular da modernização, reconhecendo a capacidade da mulher e sua utilidade, levando em conta os movimentos sociais pela igualdade entre homens e mulheres, as necessidades econômicas das instituições, além da ampla procura por parte das mulheres.

6- METODOLOGIA DA PESQUISA.

O objetivo deste estudo será desenvolver uma pesquisa bibliográfica, documental e temporal. Serão fontes da pesquisa: livros temáticos, entrevistas com diretores, ex-alunos e atuais, pesquisa no site oficial da instituição, documentos de cursos da instituição.

Por meio desta metodologia, teremos a possibilidade de compreender a importância da educação na história da igreja Batista.

Para o desenvolvimento deste estudo será feita a análise das grades curriculares de cada período, bem como das diferenças propostas em cada fase.

Para maior compreensão das distintas etapas, os dados são claramente apresentados e abordados.

7- CRONOGRAMA 2018-2019.

CRONOGRAMA 2018	
1 - Cursar disciplinas em sala de aula:	março à julho
2 – Levantamento Bibliográfico:	março à julho
3 – Revisão da Literatura: Leituras:	março à julho
4 – Redação do projeto para qualificação:	julho à novembro
5 – Qualificação:	data prevista
6 – Revisão do projeto de qualificação:	dezembro
CRONOGRAMA 2019	
1 – Elaboração da Dissertação:	março à dezembro
2 – Finalização e defesa:	Data prevista
3 – Entrega da dissertação final e redação do artigo:	

8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BEZERRA, Benilton C. Interpretação panorâmica dos batistas. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960.

FEITOSA, José Alves. Breve história dos batistas do Brasil. Rio de Janeiro: Souza Marques, 1974.

HARRISON, Helen Bagby. Os bagby do Brasil: uma contribuição para o estudo dos primórdios batistas em terras brasileiras. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987.

JARSCHEL, H. Algumas reflexões sobre o ministério feminino. São Leopoldo, Sinodal, 1986.

MACHADO, José Nemésio. Educação batista no Brasil: uma análise complexa. São Paulo: Colégio Batista Brasileiro/Cortez, 1999.

MESQUIDA, Peri. Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil: um estudo de caso. Juiz de Fora: UFJF; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.

MESQUITA, Antônio Neves de. História dos batistas do Brasil: 1907 até 1935. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1940.

PEREIRA, José dos Reis. Breve história dos batistas. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1979.

SILVA, Cleni da. Educação batista: análise histórica de sua implantação no Brasil e de seus desafios no contexto atual. Rio de Janeiro: Juerp, 2004.

SISIMORE, John T. Os Fundamentos da Educação Religiosa. Rio de Janeiro: Juerp, 1990.

TOGNINI, Enéas. História dos batistas nacionais. Brasília: Convenção Batista Nacional, 1993.

-O JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro: Convenção Batista Brasileira, nº 12, 1922, p.2.

Site: Convenção Batista Brasileira - OFICIAL: <http://www.convencaobatista.com.br>